

Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

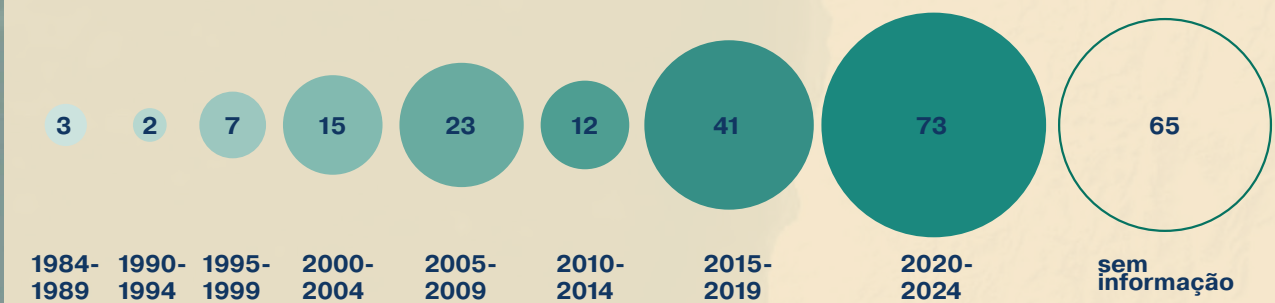
241 organizações das mulheres indígenas

174 são locais
48 são regionais
14 são estaduais
5 são nacionais

As organizações de mulheres indígenas estão presentes em todos os estados do Brasil e no Distrito Federal.

AO MENOS 233 POVOS TÊM ORGANIZAÇÕES DE MULHERES INDÍGENAS.

PERÍODO DE FUNDAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DAS MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL



1984- 1990- 1995- 2000- 2005- 2010- 2015- 2020- 1989 1994 1999 2004 2009 2014 2019 2024

Mulher indígena, sua organização NÃO está no mapa? Preencha o formulário para adicioná-la!



Escala: 1:6.900.000
Localização aproximada das organizações das mulheres indígenas. Sistema de Coordenadas Geográficas - Siga200. Fontes: Localização das Organizações de Mulheres Indígenas e Terras Indígenas. Sistema de Áreas Protegidas (SisAP). ISA, 2024. Base cartográfica: países, estados e capitais - IBGE, 2015. Rios - SIPAM/IBGE, 2004 e IBGE 2010. Terras Indígenas - ISA, 2024. Biomas - IBGE, 2019, com adaptações: Oceano e Relevo - World Terrain Base in ArcGIS Online Services (Eri, USGS, NOAA).

Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerrilhas da Ancestralidade



LEGENDA

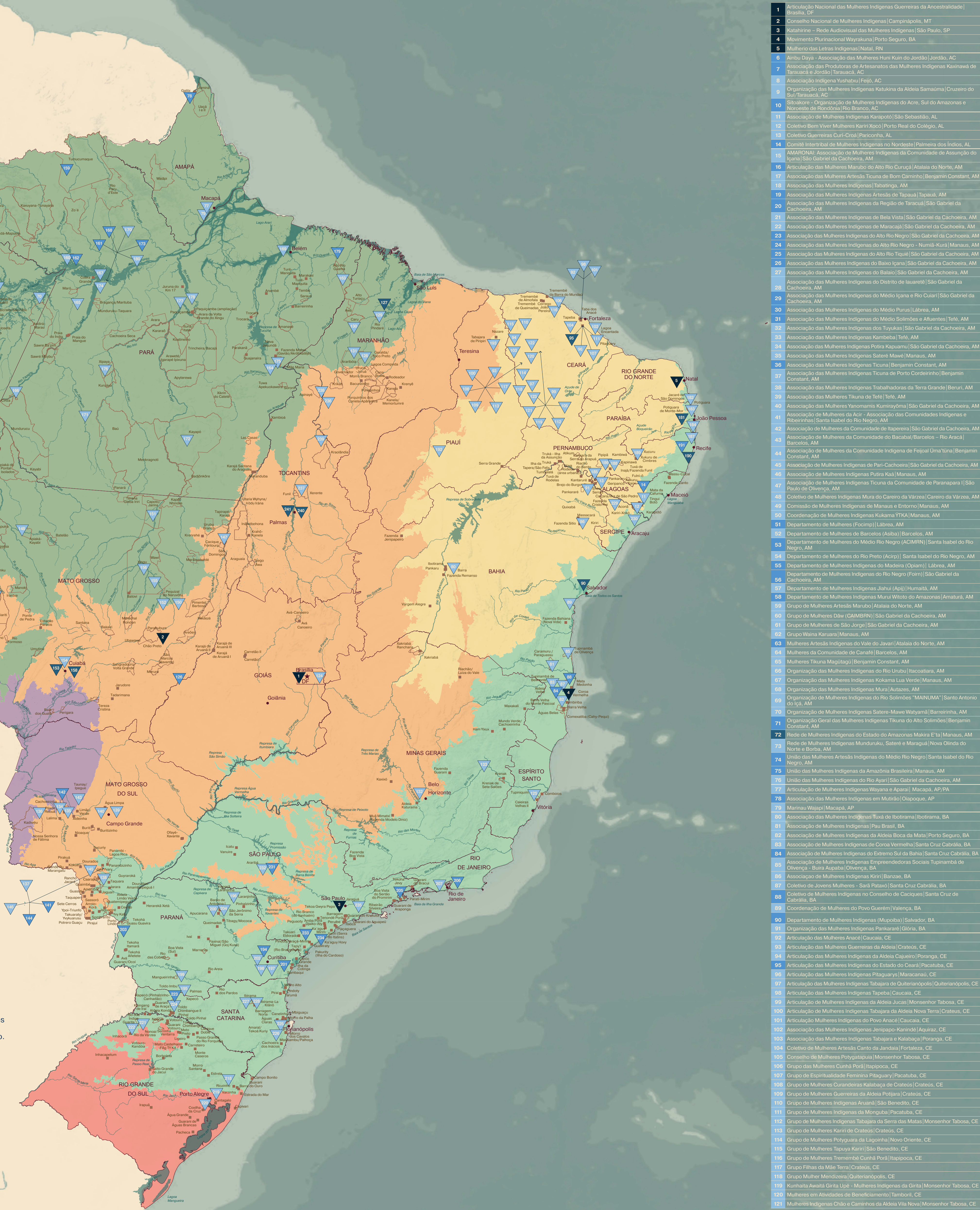
- ★ Capital Federal
- Capitais Estaduais
- Hidrografia
- Estados
- Terras Indígenas
- Terras Indígenas com menos de 10.000 ha e as que não possuem perímetro definido.

ORGANIZAÇÕES

- ▼ Nacional
- ▼ Estadual
- ▼ Regional
- ▼ Local

BIOMAS

- Amazônia
- Caatinga
- Cerrado
- Mata atlântica
- Pampa
- Pantanal



1	Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerrilhas da Ancestralidade Brasília, DF
2	Conselho Nacional de Mulheres Indígenas Campanópolis, MT
3	Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas São Paulo, SP
4	Movimento Plurinacional Wayakuna Porto Seguro, BA
5	Mulherio das Letras Indígenas Natal, RN
6	Ainbu Daya - Associação das Mulheres Huni Kuni do Jordão Jordão, AC
7	Associação das Produtoras de Artesanatos das Mulheres Indígenas Kaxinawá de Tapanuá e Jordão Tapanuá, AC
8	Associação Indígena Yuhabatu Fajó, AC
9	Organização das Mulheres Indígenas Katukina da Aldeia Samauima Cruzeiro do Sul Tarauacá, AC
10	Shikwera - Organização de Mulheres Indígenas do Acre, Sul do Amazonas e Noroeste de Rondônia Rio Branco, AC
11	Associação de Mulheres Indígenas Karapoti São Sebastião, AL
12	Coletivo Bem Viver Mulheres Kariri Xocó Porto Real do Colégio, AL
13	Coletivo Guerrilhas Curí-Crói Pariconha, AL
14	Comitê Intertribal de Mulheres Indígenas no Nordeste Palmeira dos Índios, AL
15	AMARONAI: Associação de Mulheres Indígenas da Comunidade de Assunção do Igará São Gabriel da Cachoeira, AM
16	Articulação das Mulheres Manobo do Alto Rio Curupá Atalaia do Norte, AM
17	Associação das Mulheres Artesãs Ticuna de Bom Caminho Benjamin Constant, AM
18	Associação das Mulheres Indígenas Tabatinga, AM
19	Associação das Mulheres Indígenas Artesãs de Tapauá Tapauá, AM
20	Associação das Mulheres Indígenas da Região de Tarauacá São Gabriel da Cachoeira, AM
21	Associação das Mulheres Indígenas de Bela Vista São Gabriel da Cachoeira, AM
22	Associação das Mulheres Indígenas de Maracajá São Gabriel da Cachoeira, AM
23	Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro São Gabriel da Cachoeira, AM
24	Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro - Nuniá-Kurá Manaus, AM
25	Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Tiqueté São Gabriel da Cachoeira, AM
26	Associação das Mulheres Indígenas do Baixo Igara São Gabriel da Cachoeira, AM
27	Associação das Mulheres Indígenas do Baiaão São Gabriel da Cachoeira, AM
28	Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauaretê São Gabriel da Cachoeira, AM
29	Associação das Mulheres Indígenas do Médio Igara e Rio Quaiá São Gabriel da Cachoeira, AM
30	Associação das Mulheres Indígenas do Médio Purus Lábrea, AM
31	Associação das Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes Tefe, AM
32	Associação das Mulheres Indígenas dos Tuyukás São Gabriel da Cachoeira, AM
33	Associação das Mulheres Indígenas Kambetá Tefe, AM
34	Associação das Mulheres Indígenas Potrá Kopaniá São Gabriel da Cachoeira, AM
35	Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé Manaus, AM
36	Associação das Mulheres Indígenas Ticuna Benjamin Constant, AM
37	Associação das Mulheres Indígenas Ticuna de Porto Corderino Benjamin Constant, AM
38	Associação das Mulheres Indígenas Trabalhadoras da Terra Grande Beruri, AM
39	Associação das Mulheres Ticuna de Tefe Tefe, AM
40	Associação das Mulheres Yanomamis Kunirayóma São Gabriel da Cachoeira, AM
41	Associação das Mulheres Indígenas do Rio Negro Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas Santa Isabel do Rio Negro, AM
42	Associação de Mulheres da Comunidade de Itaperera São Gabriel da Cachoeira, AM
43	Associação de Mulheres da Comunidade do Bacabá/Barcelos - Rio Aracá Barcelos, AM
44	Associação de Mulheres da Comunidade Indígena de Feijó Uma'una Benjamin Constant, AM
45	Associação de Mulheres Indígenas de Pari-Cachoeira São Gabriel da Cachoeira, AM
46	Associação de Mulheres Indígenas Putrá Kaa Manaus, AM
47	Associação das Mulheres Indígenas Ticuna da Comunidade de Paranaçara São Paulo da Odivéria, AM
48	Coletivo de Mulheres Indígenas Mura do Caramé da Várzea Caramé da Várzea, AM
49	Comissão de Mulheres Indígenas de Manaus e Entorno Manaus, AM
50	Coordenação de Mulheres Indígenas Kukama YKKA Manaus, AM
51	Departamento de Mulheres (Focinpi) Lábrea, AM
52	Departamento de Mulheres de Barcelos (Aiba) Barcelos, AM
53	Departamento de Mulheres do Médio Rio Negro (ACMRNI) Santa Isabel do Rio Negro, AM
54	Departamento de Mulheres do Rio Preto (Aicpi) Santa Isabel do Rio Negro, AM
55	Departamento de Mulheres Indígenas da Madeira (Opiani) Lábrea, AM
56	Departamento de Mulheres Indígenas do Rio Negro (Form) São Gabriel da Cachoeira, AM
57	Departamento de Mulheres Indígenas Jahu (Apu) Humaitá, AM
58	Departamento de Mulheres Indígenas Muti Witoto do Amazonas Amaturá, AM
59	Grupo de Mulheres Artesãs Marubo Atalaia do Norte, AM
60	Grupo de Mulheres Dáw (CÁMBRN) São Gabriel da Cachoeira, AM
61	Grupo de Mulheres de São Jorge São Gabriel da Cachoeira, AM
62	Grupo Waina Karuara Manaus, AM
63	Mulheres Artesãs Indígenas do Vale do Javari Atalaia do Norte, AM
64	Mulheres da Comunidade de Canafé Barcelos, AM
65	Mulheres Ticuna Magitapi Benjamin Constant, AM
66	Organização das Mulheres Indígenas do Rio Unbu Itacaitana, AM
67	Organização das Mulheres Indígenas Kokama Lva Verde Manaus, AM
68	Organização das Mulheres Indígenas Mura Autazes, AM
69	Organização de Mulheres Indígenas do Rio Solimões "MAINUMA" Santo Antônio do Içá, AM
70	Organização de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé Watayama Barreirinha, AM
71	Organização Geral das Mulheres Indígenas Ticuna do Alto Solimões Benjamin Constant, AM
72	Rede de Mulheres Indígenas do Estado das Amazonas Makia E'ta Manaus, AM
73	Rede de Mulheres Indígenas Mundurucu, Sateré e Maragá Nova Olinda do Norte e Borba, AM
74	União das Mulheres Artesãs Indígenas do Médio Rio Negro Santa Isabel do Rio Negro, AM
75	União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira Manaus, AM
76	União das Mulheres Indígenas do Rio Ayari São Gabriel da Cachoeira, AM
77	Articulação de Mulheres Indígenas Wayana e Aparai Macapá, AP/PA
78	Associação das Mulheres Indígenas em Muirã Oiapoque, AP
79	Marinhu Wijapi Macapá, AP
80	Associação das Mulheres Indígenas Tuxá de Ibitirama Ibitirama, BA
81	Associação de Mulheres Indígenas Pau Brasil, BA
82	Associação de Mulheres Indígenas da Aldeia Boca da Mata Porto Seguro, BA
83	Associação de Mulheres Indígenas de Coroa Vermelha Santa Cruz Cabrália, BA
84	Associação de Mulheres Indígenas do Extremo Sul da Bahia Santa Cruz Cabrália, BA
85	Associação de Mulheres Indígenas Empreendedoras Sociais Tupinambá de Olivença - Bura Aupaba Olivença, BA
86	Associação de Mulheres Indígenas Kiriri Banzaê, BA
87	Coletivo de Jovens Mulheres - Sara Pataxó Santa Cruz Cabrália, BA
88	Coletivo de Mulheres Indígenas no Conselho de Caciqueis Santa Cruz de Caballia, BA
89	Coordenação de Mulheres do Povo Guemí Valença, BA
90	Departamento de Mulheres Indígenas (Mupiboi) Salvador, BA
91	Organização das Mulheres Indígenas Pankararé Olinda, BA
92	Articulação das Mulheres Anacé Caucaia, CE
93	Articulação das Mulheres Guerrilhas da Aldeia Cratoá, CE
94	Articulação das Mulheres Indígenas da Aldeia Cajeiro Poraanga, CE
95	Articulação das Mulheres Indígenas do Estado do Ceará Pacatuba, CE
96	Articulação das Mulheres Indígenas Pitaguary Maracanaú, CE
97	Articulação das Mulheres Indígenas Tabajara de Quiterianópolis Quiterianópolis, CE
98	Articulação das Mulheres Indígenas Tapeba Caucaia, CE
99	Articulação de Mulheres Indígenas da Aldeia Jucaú Monsenhor Tabosa, CE
100	Articulação de Mulheres Indígenas Tabajara da Aldeia Nova Terra Cratueas, CE
101	Articulação Mulheres Indígenas do Povo Anacé Caucaia, CE
102	Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé Aquinara, CE
103	Associação das Mulheres Indígenas Tabajara e Kalabaça Poraanga, CE
104	Coletivo de Mulheres Artesãs Canto do Jandaú Fortaleza, CE
105	Conselho de Mulheres Potyguara Monsenhor Tabosa, CE
106	Grupo das Mulheres Curúé Piraí Itapissipaba, CE
107	Grupo de Espiritualidade Feminina Pajacurá Pacatuba, CE
108	Grupo de Mulheres Quarenteiras Kalabaça de Cratoá Cratoá, CE
109	Grupo de Mulheres Guerrilhas da Aldeia Potigara Cratoá, CE
110	Grupo de Mulheres Indígenas Auará São Benedito, CE
111	Grupo de Mulheres Indígenas da Monguba Pacatuba, CE
112	Grupo de Mulheres Indígenas Tabajara da Serra das Matas Monsenhor Tabosa, CE
113	Grupo de Mulheres Kariri de Cratoá Cratoá, CE
114	Grupo de Mulheres Potyguara da Lagoinha Novo Oriente, CE
115	Grupo de Mulheres Tapuya Kariri São Benedito, CE
116	Grupo de Mulheres Tremembé Cunha Poraí Itapissipaba, CE
117	Grupo Filhas da Mãe Terra Cratoá, CE
118	Grupo Mulher Mendicera Quiterianópolis, CE
119	Kunhata Awatá Grita Upé - Mulheres Indígenas da Grita Monsenhor Tabosa, CE
120	Mulheres em Atividades de Beneficimento Tamboré, CE
121	Mulheres Indígenas Chão e Caminhos da Aldeia Vila Nova Monsenhor Tabosa, CE
122	Mulheres Potyguara na Construção do Bem Viver Tamboré, CE
123	Mulheres Potyguara na Revitalização da Cultura Local Monsenhor Tabosa, CE
124	Mulheres do Santuário Brasília, DF
125	Articulação das Mulheres Indígenas do Território Tupiriki e Guaraní e Terra Indígena Combos Aracruz, ES
126	Coletivo de Mulheres Iny Mahadu Arapangas, GO
127	Articulação das Mulheres Indígenas do Maranhão Bom Jardim, MA
128	Associação da Casa de Cultura e Artesanal das Mulheres Indígenas da Aldeia Zolá Araruama, MA
129	Grupo de Mulheres Wiri Kuza Wá Bom Jardim, MA
130	Guerrilhas da Floresta / Tenetehar Kuáá Gwet Wá Bom Jardim, MA
131	Ma'ywa - Mulheres Guardiãs Amaraná, MA
132	Grupo de Mulheres Indígenas de Ibirité Estreito do Sul, MG
133	Instituto Shirley Djikuná Krenak Governador Valadares, MG
134	Associação das Mulheres Indígenas da Aldeia Água Branca Aquidauana, MS
135	Associação das Mulheres Solidárias Terena Taunay/Ipegue Aquidauana, MS
136	Associação de Mulheres Artistas Kadwéu Porto Murtinho, MS
137	Associação de Mulheres Indígenas Alimentando Sonhos Dourados, MS
138	Associação de Mulheres Indígenas de Dourados Dourados, MS
139	Coletivo de Mulheres Indígenas Artesãs de Campo Grande Campo Grande, MS
140	Coletivo de Mulheres Indígenas de Campo Grande Campo Grande, MS
141	Conselho das Mulheres Terena Ho Unweo Senchão do Conselho Terena Dourados, MS
142	Guardiãs do Pantanal Campo Grande, MS
143	Guerrilhas da Aldeia Buri Dois Irmãos do Buriti, MS
144	Kuhangué Ay Guasu - Grande Assembleia Das Mulheres Kaio'wa e Guaraní de MS Dourados, MS
145	Kunhangue Jeriky Guasu Marangatu Dourados, MS
146	Senô Kunhákuea Dourados, MS
147	Associação das Mulheres Indígenas de São Domingos Lucas, MT
148	Associação Indígena das Mulheres Apiaká, Kayabi e Mundurucu Juara, MT
149	Associação Indígena de Mulheres Ribakaita Cotriguaçu, MT
150	Associação Yomurikuma das Mulheres Xinguanas Canarana, MT
151	Departamento das Mulheres (Instituto Bapoti) Piratão Azevedo, MT
152	Departamento de Mulheres (Aks) - Associação Terra Indígena Xingu Canarana, MT
153	Departamento de Mulheres Indígenas (Epopoti) Cuiabá, MT
154	Instituto Yukamaniru de Apoio às Mulheres Indígenas Bakari Cuiabá, MT
155	Movimento das Mulheres Yangang Canarana, MT
156	Movimento Mulheres do Território Indígena do Xingu Canarana, MT
157	Organização Tuitatiansi Sapelá, MT
158	Takná Organização das Mulheres Indígenas do Mato Grosso Cuiabá, MT
159	Articulação das Mulheres Indígenas Tiry, Kaxuyana e Tikilyana Orominé, PA
160	Articulação das Mulheres Indígenas Yana Orominé, PA
161	As Karuana Santarém, PA
162	Associação das Mulheres Indígenas da Região do Município de Orominé Orominé, PA
163	Associação das Mulheres Indígenas do Grupo Paragominas, PA
164	Associação de Mulheres Indígenas Guajajara Wiri Marabá, PA
165	Associação de Mulheres Indígenas da Aldeia Murary Santarém, PA
166	Associação de Mulheres Mundurucu Wakoboru Jacareacanga, PA
167	Associação Kuurawara de Mulheres Indígenas Artesãs e Artistas de Alter do Chão Santarém, PA
168	Coletivo de Mulheres Indígenas Sururus do Tapajó Santarém, PA
169	Comissão de Mulheres Conselho Warao Yorkurea Taenja Jai Belém, PA
170	Comitê de Mulheres do Território Tupanambá Santarém, PA
171	Departamento das Mulheres (Instituto Kabu) Novo Progresso, PA
172	Departamento de Mulheres (Associação Floresta Proteção) Tucumã, PA
173	Departamento de Mulheres Indígenas do Baixo Tapajó (Cita) Santarém, PA
174	Grupo de Mulheres Indígenas de Curucuri Santarém, PA
175	Hibiti - Associação das Mulheres Indígenas Parkatijé Bom Jesus do Tocantins, PA
176	Instituto Juma Atamira, PA
177	Menire Xikim do Bacajá Atamira, PA
178	Movimento das Mulheres Indígenas do Médio Xingu Vitória do Xingu, PA
179	Mulheres Indígenas Alto Rio Guaraní Santa Luzia do Pará, PA
180	Núcleo de Mulheres Supá Bawari Santarém, PA
181	Articulação das Mulheres Indígenas da Paraíba Conde, PB
182	Associação das Mulheres Guerrilhas Indígenas Potigara da Paraíba Rio Tinto, Marcação, Baía da Traição, PB
183	Associação de Parteiros e Benzedeiros Potigara da Paraíba Baía da Traição, PB
184	Yby-rapo Kunhá Conde, PB
185	Aroeira Sertaneja - Grupo de Mulheres Pankararu (Aroeira Coleção de Indígenas Pankararu) Petrolândia, PE
186	Associação de Mulheres Indígenas da Aldeia Nazário - Etnia Kambôwá - Canto Bonito Ibimirim, PE
187	Associação de Mulheres Indígenas Karaxawanassu Igarassu, PE
188	Associação de Mulheres Produtoras Indígenas Tuxá Inajá, PE
189	Coletivo de Mulheres Xetara do Oronóti Pernambuco, PE
190	Comissão das Mulheres Indígenas de Pernambuco Recife, PE
191	Departamento de Mulheres (Apoinai) Olinda, PE
192	Associação das Mulheres Indígenas do Assentamento Flores Uruguai, PI
193	Mulheres Indígenas Tabajara Lagoa de São Francisco, PI
194	Articulação das Mulheres Indígenas do Sul Curitiba, PR
195	Associação das Mulheres Indígenas de Palmas Palmas, PR
196	Associação das Mulheres Indígenas Tekoa Nara Santa Amélia, PR
197	Associação das Mulheres Indígenas Xetá Curitiba, PR
198	Associação de Mulheres Indígenas da Aldeia Kakaná Poraí Curitiba, PR
199	Associação de Mulheres Indígenas Kaingang e Guaraní - Ga Järe (Raízes da Terra) Marquinhos, PR
200	Associação de Mulheres Originárias da Terra Indígena Apucaraniá Tamara, PR
201	Coletivo Xondara Kuery Jera Retel Antonina, PR
202	Indígenas 8M Curitiba Curitiba, PR
203	Mborayhu Nemohehoi - Semando o Amor Quaira, PR
204	Mulheres Indígenas do Município de São Jerônimo da Serra em Movimento São Jerônimo da Serra, PR
205	Comitê de Mulheres (Apinaudeoti) Paraty, RJ
206	Grupo Mulher e Educação Indígena Saquarema, RJ
207	Laboratório de Protopionismo Feminino da Universidade Pluritécnica Indígena Aldeia Maracanã Rio de Janeiro, RJ
208	Articulação das Indígenas Mulheres Mura em Diferentes Contextos, Rondônia e Amazonas Porto Velho, RO/AM
209	Associação das Guerrilhas Indígenas de Rondônia Cacoal, RO
210	Associação Indígena Ma'Pyrapá Karorip Ji-Paraná, RO
211	Departamento de Mulheres (Associação Indígena Witypa) Alta Floresta D'Oeste, RO
212	Departamento de Mulheres (Associação Mateirê do Povo Patêr Sauru) Cacoal, RO
213	Ticã - Iniciativa de Mulheres Indígenas Artesãs de Rondônia Cacoal, RO
214	Articulação das Mulheres Indígenas Wu Wai Cordeiro, RR
215	Departamento de Mulheres (CIRI) Boa Vista, RR
216	Movimento Indígena das Mulheres do Alto, São Marcos Paracaima, RR
217	Organização das Mulheres Indígenas de Roraima Boa Vista, RR
218	Associação Jig To Kanbé São Francisco de Paula, RS
219	Coletivo das Mulheres Kaingang da Por Ji Ga São Leopoldo, RS
220	Coletivo de Mulheres Fág Järe Fag da TI Fag Nhin Porto Alegre, RS
221	Grupo de Trabalho Guarda Pela Vida Redentora, RS
222	Instituto das Mulheres Indígenas Ga Krá Fag Filhas da Terra Redentora, RS
223	Articulação das Mulheres Indígenas do Oeste de Santa Catarina Abelardo Luz, SC
224	Clube de Mães FAG TAR MIP - Força das Mulheres Indígenas de Piraibinho Itaipava, SC
225	Kunhangue Pira Rupa Palhoça, SC
226	Kunhangue Rembapo Palhoça, SC
227	Mulheres da Aldeia Pipatá José Boiteux, SC
228	Mulheres Xokleng Zai Pi José Boiteux, SC
229	Associação Indígena das Mulheres Xokó da Comunidade Iha de São Pedro Porto da Folha, SE
230	Mulheres Indígenas Fulkaw Kariri Xocó Pacatuba, SE
231	Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista Bauru, SP
232	Coletivo de Mulheres Indígenas da TI Araraú Awaí, SP
233	Fórum das Articuladoras Kunhangue Ruxwa da CGV / Ajaka Retel Kuery Nhemonguetá Iguape, SP
234	Kunhangue Vale do Ribeira Iguape, SP
235	Mulheres Indígenas Kambé em Ação Guarulhos, SP
236	Associação das Mulheres Indígenas Kapijá Salto do Aldeia São José e Aldeias Vizinhas do Município Tocantópolis Tocantópolis, TO
237	Associação das Mulheres Indígenas Xerente Tocantins, TO
238	Associação de Mulheres Indígenas Apanjá da Aldeia Maracazinha com aldeias catarbas com nome Mata Mary Tocantópolis, TO
239	Associação Hahi de Mulheres Krahô Goiânia, TO
240	Coletivo das Mulheres Indígenas do Tocantins (Indiãna) Palmas, TO
241	Departamento das Mulheres (Arpih) Palmas, TO

O Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024 é resultado da colaboração entre pesquisadoras da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga) e do Instituto Socioambiental (ISA), desde as etapas de concepção, levantamento, checagem de dados e produção até o lançamento, em novembro de 2024.

As primeiras organizações criadas por indígenas datam do fim da década de 1980, muitas delas como resultado de assembleias indígenas e outros processos de mobilização de décadas anteriores. O monitoramento feito pelo ISA desde sua fundação, em 1994, sempre apontou a existência desses coletivos.

A multiplicação dessas organizações e a presença cada vez maior de mulheres indígenas em posições de destaque vem mudando a cara do movimento indígena, que inicialmente fora protagonizado por homens. Elas estão em organizações regionais, que contam com departamento de mulheres, como na Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoimne); em organizações locais, como a Associação Hahi de Mulheres Krahô; e ainda em instâncias da política institucional, no

Mulheres indígenas sempre estiveram em luta. Seja na política, como foi o caso de Carmelita Tuxá, eleita vereadora em Rodelas (BA), em 1963, seja à frente da disputa territorial, como Hilda Pankararu, que liderou as retomadas dos territórios tradicionais de seu povo nos anos 1970. Ou antes ainda, já no século 18, indígenas como Ana, Esperança, Inês, entre outras lutaram contra a escravidão em São Luís do Maranhão e Belém do Pará. Com tantos passos importantes na história das mulheres indígenas no Brasil, foi preciso estipular um período de tempo para a construção desta cronologia. Assim, seguindo o recorte temporal do mapa, foi definido o intervalo entre 1984 e 2024. Os marcos a seguir, portanto, retratam exemplos recentes de uma luta que sempre existiu:

LINHA DO TEMPO

1984	1986	1987	1987-1988	1989	1990	1992	1992	1995	2002	2012	2016	2018	2019	2021	2021	2022	2023	2024
Criação, em Manaus, da Amarn, a 1ª organização indígena de mulheres.	Mulheres indígenas participam da 1ª Conferência Nacional da Saúde e dos Direitos das Mulheres.	Criação do Grumim por Eliane Potiguara.	Quitéria Pankararu e Dona Catarina Nymbopurú participam das mobilizações relacionadas à Assembleia Nacional Constituinte.	Tuire Kayapó barra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. (Imagem a.)	Maninha Xukuru funda a Apoimne junto a outras lideranças.	Eliane Potiguara e Andlia Kaingang lideram discussões na Eco-92. (Imagem b.)	Iracy Potiguara é a 1ª mulher indígena eleita prefeita, em Bala da Traição (PB).	Criação do Conami, que organiza o 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas.	Criado o Departamento de Mulheres da Foirn. (Imagem c.)	Implementação da Lei de Cotas no Brasil, que impulsionou o acesso das mulheres indígenas às universidades.	1ª Plenária das Indígenas Mulheres na programação oficial do 12º ATL. (Imagem d.)	Eleições: recorde de candidaturas de mulheres indígenas. Dentre elas, Sonia Guajajara concorre à vice-presidência.	1ª Marcha das Mulheres Indígenas. (Imagem e.)	Mulheres indígenas lideram o enfrentamento à covid-19 e também protagonizam a Campanha "Vacina Parente". (Imagem f.)	Lançamento da Anmiga.	Começa a "Caravana das Originárias da Terra", que percorre os territórios para unir e fortalecer o movimento de mulheres indígenas.	A 1ª presidente indígena da Funai é uma mulher: Joênia Wapichana. Ministra dos Povos Indígenas: Sonia Guajajara. (Imagem g.)	Pelo menos, mais dez organizações de mulheres indígenas são criadas. Dentre elas, o Coletivo de Mulheres Fág Järe Fag, após intensa atuação nas consequências das enchentes no Rio Grande do Sul.

Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

Mulheres indígenas têm demonstrado sua força nos territórios, nas Universidades, nas artes, na política institucional e no associativismo. O Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024, numa parceria inédita entre o Instituto Socioambiental (ISA) e a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), apresenta um panorama das diferentes maneiras como elas se organizam e atesta que o número de associações, movimentos, coletivos não para de crescer. São 241 em todos os biomas e não há um estado do Brasil em que as mulheres indígenas não estejam em movimento. Para ampliar a visibilidade desses coletivos, atualizamos o Mapa das Organizações de Mulheres Indígenas, de 2020.

Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

Legislativo, nos cargos de chefia da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e à frente do recém-criado Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

Em 2019, esse movimento já se fazia notar. Em abril, mais de 500 mulheres conquistaram, pela primeira vez, uma plenária exclusiva no Acampamento Terra Livre (ATL). Em agosto do mesmo ano, elas colocaram na rua a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. Na esteira dessa mobilização, foi lançada a 1ª edição do Mapa das Organizações de Mulheres Indígenas, em fevereiro de 2020. Em 2021, as mulheres bioma fundaram a Anmiga, que articula nacionalmente mulheres indígenas e suas organizações.

Um levantamento de fôlego e com este recorte é mais uma forma de mostrar a potência do associativismo indígena, fornecendo a dimensão da organização das mulheres indígenas; contribuindo com a identificação de zonas de concentração e lacunas do associativismo dessas mulheres; e fortalecendo a rede com caminhos possíveis de ação e articulação política. Além disso, esta nova edição do mapa permite verificar, em números, o que temos acompanhado a olhos vivos: o expressivo crescimento da luta das mulheres indígenas no País.



Foto: Nara e Estelita Cordeiro

COMO ESTE MAPA FOI FEITO?

O novo levantamento das organizações de mulheres indígenas foi realizado a partir de uma estratégia metodológica casada. Como na 1ª edição, valemo-nos das informações já reunidas no Sistema de Áreas Protegidas (SisArp), um dos bancos de dados do ISA, e, graças à inédita parceria com a Anmiga, pudemos realizar também um esforço de busca ativa: construímos e circulamos um formulário on-line, que foi preenchido por mulheres indígenas de todo o País, em resposta à convocatória das comunicadoras da Articulação.

Assim, foi possível registrar 241 organizações, número ao menos 2,5 vezes maior em comparação com a 1ª edição, o que reflete, por certo, uma maior quantidade de organizações de mulheres, mas também espelha o engajamento da Anmiga e das redes de organizações de mulheres indígenas em querer se fazer ver na edição do Mapa de 2024.



Foto: Jurema de Brito



Foto: Nara e Estelita Cordeiro

5

O QUE LEVA AS MULHERES INDÍGENAS A SE ORGANIZAREM?

Em 2017, Sonia Guajajara ecoou pela primeira vez a mensagem: "A luta pela mãe terra é a mãe de todas as lutas". Desde então, ela se tornou um lema na organização das indígenas mulheres no Brasil, que se mobilizam em torno de inúmeras outras pautas comuns.

Uma das pautas que motivam essa mobilização é o reconhecimento enquanto detentoras de saberes e verdadeiras lideranças, presentes e atuantes no movimento. "Do chão da aldeia para o chão do mundo", elas buscam ocupar os espaços de poder e tomada de decisão, apoiando que diferentes mulheres se coloquem à disposição para ocupar cargos que, muitas vezes, são exercidos pelos parentes homens. É o caso, por exemplo, das mulheres do povo Mëbengôkre Kayapó, que vêm se destacando tanto no movimento indígena nacional, quanto como lideranças em suas aldeias. "Nós somos porque nossas ancestrais já foram" é o lema que anima as mulheres indígenas a liderança.

No entanto, há outros motivos que levam as mulheres a se mobilizarem. Em Mato Grosso do Sul, as mulheres do povo Kadiwêu atuam por meio da Associação de Mulheres Artistas Kadiwêu (Amak), na esteira de outra organização focada na produção da cerâmica tradicional de seu povo, a Associação das Ceramistas Kadiwêu, que esteve ativa na década de 1990. No Vale do Javari (AM), artesãs de diferentes povos vêm se articulando localmente em associações e também na Mulheres Artesãs Indígenas do Vale do Javari (MAI), coletivo fundado em 2019 e que hoje articula cerca de 230 mulheres em torno da produção de artesanatos e da agricultura, com apoio do projeto "Javari Vale da Arte", da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univajá).

É também pensando na produção e difusão de suas artes e saberes que emergem outras organizações, como o Coletivo de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós, pautada na música e na dança; ou como o Movimento das Mulheres Indígenas Yarang, uma rede de mulheres coleteras de sementes

tradicionais do povo Ikpeng, no território indígena do Xingu. A Associação de Pariteiras e Benzedoras Potiguara da Paraíba (Aparbep), por sua vez, articula-se em torno de saberes e fazeres reconhecidos como patrimônio cultural do país.

Outra pauta fundamental é o enfrentamento às violências contra as mulheres e seus corpos-territórios. A violência é inimiga e adversária do bem-estar das mulheres dentro dos seus territórios. Em um manifesto escrito em 2021, elas questionam: "Como calar diante de um ataque? Diante de um Genocídio que faz a Terra gritar mesmo quando estamos em silêncio? Porque a Terra tem muitos filhos e uma mãe chora quando vê, quando sente que a vida que gerou, hoje é ameaçada".

Em torno dessa pauta também surgiram outras organizações, de abrangência local ou regional. É o caso do Grupo de Trabalho Guarita pela Vida (GT-GPV), fundado por mulheres do povo Kaingang especificamente para denunciar e combater a violência contra a mulher na TI Guarita, no Rio Grande do Sul. O combate à violência contra a mulher nas comunidades também é o objetivo principal do Coletivo Xondaria Kuery Jera Rete, criado por mulheres guarani em homenagem a Florinda Jera Rete, uma das primeiras cacicas no Paraná.

Há organizações de mulheres centradas na defesa territorial, como as Guerreiras da Floresta/Tentehar Kuzá Gwer Wá, que somam forças aos Guardiães da Floresta, na proteção da TI Ararióbia, no Maranhão. Assegurar a demarcação de Terras Indígenas e garantir um território seguro para o bem viver é essencial, ainda mais num contexto de tantas violações ao corpo-território – como a tese do "Marco Temporal". As mulheres também se movem por seus modos de vida, por saúde e educação diferenciadas e de qualidade e pela valorização da alimentação tradicional. Todas essas reivindicações não se separam de cantos, rezas e rituais sagrados, que inspiram a seguir na luta.

São esses corpos-territórios que se movimentam em diferentes lugares realizando diferentes atos de reforestamentos, somando no trabalho educacional antirracista e de respeito aos povos indígenas.

COMO SE MOVIMENTAM AS INDÍGENAS MULHERES?

As mulheres indígenas estão em movimento de diversas formas: são departamentos, núcleos, redes, uniões, conselhos, articulações, coletivos, associações, organizações, grupos, institutos e movimentos de mulheres indígenas – entre outras nomenclaturas –, que expressam uma grande diversidade de formas de se organizar. Destacamos aqui desde a Associação das Mulheres Indígenas Rikbaktsa (Aimurik), a Rede de Mulheres Indígenas Munduruku, Sateré e Maragá, o Movimento Indígena das Mulheres do Alto São Marcos (Mimasm), até o Grupo de Mulheres Wiriri Kuzá Wá, da Terra Indígena Rio Pindaré no Maranhão, passando pela União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (Umiab), entre muitas outras. Os levantamentos que realizamos nas duas edições do mapa não se restringiram a associações que contam com CNPJ, mas buscaram rastrear, com algumas limitações, diferentes expressões do associativismo das mulheres indígenas no Brasil.

Parte das organizações reúnem mulheres por povo (Coletivo de Mulheres Iny Mahadu); por Terra Indígena (Movimento Mulheres do Território Indígena do Xingu); por estado (Comissão de Mulheres Indígenas de Pernambuco); por região (Mulheres Indígenas Alto Rio Guamã); por bioma (Guardiãs do Pantanal); por atividade econômica (Tecê – Iniciativa de Mulheres Indígenas Artesãs de Rondônia); por ameaça

enfrentada (Guerreiras da Floresta/Tentehar Kuzá Gwer Wá), entre outras. Há também organizações pluriétnicas, que articulam mulheres de mais de um povo, como a Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista (Amicopi) e sediadas em espaços urbanos, como a Kaguteka – Coletivo de Mulheres Indígenas de Campo Grande.

Essa diversidade é tributária das especificidades do associativismo e movimentos políticos de cada povo ou contexto indígena, das diferentes respostas dadas pelos movimentos de mulheres indígenas aos desafios que buscam enfrentar e dos variados motivos que as levam a se organizar.

São também diversas as formas como as organizações de mulheres indígenas se relacionam com os contextos em que emergiram. Em alguns casos, os movimentos de mulheres se conformam em organizações próprias; em outros, em departamentos vinculados a organizações já existentes; ou, ainda, ganham nomes e modos de organização diferentes, como fóruns, núcleos, coletivos, redes etc.

A Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia (Agir) é um dos exemplos de organização, oficializada em 2015, por mulheres dos povos Tupari, Paiter Surui, Cinta Larga, Oro Win, Apurini, entre outros. Elas já se movimentavam no contexto do associativismo estadual e regional, participando por exemplo, do Departamento de Mulheres da Associação Metareilá, do povo Paiter Surui.

Para além de organizações próprias, outro caminho comum de se organizar são os departamentos, grupos, secretarias, coordenadorias de mulheres presentes em inúmeras organizações indígenas não compostas exclusivamente por elas. É o caso dos departamentos da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), do Movimento União dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba) e da recém-fundada Menire Xikrin do Bacajá parte da Associação Bebé Xikrin do Bacajá. Esses casos não se resumem à atuação dessas organizações mistas junto às mulheres, mas são resultado dos movimentos singulares delas naquele contexto.

Existem ainda outras formas de vinculação de movimentos de mulheres a organizações indígenas, como o Fórum das Kunhangue Ruvica da Comissão Guarani Yvyruva (CGY), que congrega coletivos de mulheres guarani mbya e avá-guarani e foi oficializado como parte da estrutura de governança da CGY em 2022, após uma série de encontros de mulheres guarani, em diferentes aldeias e regiões.

Movimentos como esses, de encontros de mulheres indígenas, ainda que fundamentais para a mobilização das mulheres em muitos contextos, não puderam ser incluídos neste mapa, por dificuldades de representação cartográfica e de apuração de informações. Por isso, os Encontros de Mulheres Yanomami, que ocorrem há pelo menos 14 anos na TI Yanomami (AM/RR), não constam nesse mapa, assim como as assembleias de mulheres guarani da CGY ou as Caravanas das Originárias da Terra, da Anmiga – sendo incluídas

somente organizações que por ventura tenham emergido desses processos de mobilização.

Há ainda movimentos de mulheres que, por diferentes motivos, não se apresentam sob a forma de entidades ou coletivos e, por isso, não foram incluídos neste levantamento. Outros, mesmo emergindo de processos de mobilização no território, transformaram-se em organizações, como é o caso da Kunhangue Aty Guasu, a grande assembleia das mulheres guarani kaiwá e guarani ñandeva.

A permanência parece ser uma das dificuldades do associativismo das mulheres indígenas, possivelmente uma marca dos movimentos sociais em geral. Nas palavras das integrantes da Anmiga, garantir que as organizações permaneçam mobilizadas para além da gestão das fundadoras é um dos maiores desafios vividos pelas mulheres indígenas organizadas. Outros desafios, segundo elas, são: formalizar as organizações e obter financiamento para projetos – o que impacta sua sustentabilidade.

O fenômeno do associativismo de mulheres indígenas também se presta a um desafio da visibilidade. Ao se nomearem enquanto entidades ou coletivos, as mulheres indígenas enfatizam que sempre estiveram em movimento – ainda que com o devido reconhecimento de sua participação e formas próprias de organização –, ao mesmo tempo em que fazem aparecer novos sujeitos políticos e instauram outras possibilidades de ação política.



Foto: Nara e Estelita Cordeiro

6

SOMOS CORPOS-TERRITÓRIOS, SOMOS DE TODOS OS BIOMAS DESSE BRASIL, SOMOS A ANMIGA

Em 2024, a organização de representação política nacional e internacional das mulheres indígenas do Brasil completou três anos de sua nomeação como Anmiga. O processo de consolidação da presença dos nossos corpos-territórios nos diferentes espaços e instituições desafia-os a diminuir o estranhamento, no que se refere a tipos de lideranças femininas que estamos formando, nos territórios e fora dos territórios.

A nossa luta como defensoras de direitos humanos e ambientais é por quem se foi, por nós e pelas que virão, pela demarcação de todas as nossas terras. Afinal, a luta pela Mãe Terra é a mãe de todas as lutas. Anmiga é força e continuidade de lutas, pelas mãos, vozes, escritas e falas das mulheres.

A Anmiga nos ajudou a partilhar a nossa humanidade e a nos conectarmos com os nossos territórios-corpos na diversidade, fortaleceu o nosso eu-mulher, nos ensinou como amar e cuidar do corpo é um ato político ancestral e a nos orgulharmos de sermos guardiãs da Terra. Nós revolucionamos os termos e nosso conceito próprio de organização ao sermos as Mulheres Terras, sementes, raízes e águas.

São esses corpos-territórios que se movimentam em diferentes lugares realizando diferentes atos de reforestamentos, somando no trabalho educacional antirracista e de respeito aos povos indígenas.

Vamos juntas construir o bem viver e viver bem para todos!

Vamos juntas reforestarmos para curar nossa terra!

A ANMIGA E SEUS CONCEITOS

Corpo-território: o corpo-território da mulher indígena carrega consigo a ancestralidade, a espiritualidade, a memória e a história, é um corpo político e intrinsecamente ligado ao território. É coletivo, uma vez que é construído a partir da coletividade de um povo e do bioma de onde veio. Ele é território de conhecimento.

Reforestarmos: chamado à humanidade por outra forma de se relacionar com a Mãe Terra e entre nós – os seres que vivem nela – pela vida e pelo bem-viver. Propõe-se uma relação a partir das ciências ancestrais, que cuide da Mãe Terra e, consequentemente, dos corpos-territórios e espíritos.

Mulheres Bioma: são várias gerações de corpos de mulheres indígenas conectados com a ancestralidade e com o corpo da Terra e seus biomas.

“Nós, mulheres indígenas, também somos a Terra, pois a Terra se faz em nós. Pela força do canto, nos conectamos por todos os cantos, onde se fazem presentes os encantos, que são nossos ancestrais. A Terra é irmã, é filha, é tia, é mãe, é avó, é útero, é alimento, é a cura do mundo, por isso lutamos por sermos reconhecidas enquanto protetoras dos biomas e defensoras de nossos territórios”

COMO A ANMIGA SE ORGANIZA?

Mulheres Terra: são as cofundadoras. Atuam na articulação nacional;

Mulheres Raiz: são as anciãs, estão no território, na base, e se articulam localmente;

Mulheres Semente: geralmente as mais jovens. Elas são as responsáveis por articular os territórios nas regiões e nos estados brasileiros;

Mulheres Água: são as mulheres que ficam a cargo da articulação internacional.

7



“Corpos são territórios e territórios são corpos”



“Corpo é terra e floresta é mente”



REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Carta das Primeiras Brasileiras. 2023. Disponível em: <https://anmiga.org/carta-das-primieras-brasileiras/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Manifesto das primeiras brasileiras, 2021. Disponível em: <https://anmiga.org/manifesto/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Manifesto Reforestarmos: Reforestarmos de sonhos, afetos, soma, solidariedade, ancestralidade, coletividade e história. 2021. Disponível em: <https://anmiga.org/manifesto-reforestarmos-reforestarmos-de-sonhos-afetos-soma-solidariedade-ancestralidade-coletividade-e-historia/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BANWA, Bráulio; KAINGANG, Joziléia; MANDILÃO, Giovana. Mulheres: Corpo-territórios indígenas em resistência. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

GOMES, Selma. A Organização de Mulheres Indígenas no Brasil: resistência e protagonismo. São Paulo: ISA, 2020. Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/organicoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil-resistencia-e-protagonismo/>. Acesso em: 1 ago. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. “Ser mulher, ser liderança”. Conexões Mulheres Indígenas. 2016. Disponível em: <https://conexoes.socioambiental.org/serlideranca.html>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MURER, Beatriz M.; FUTADA, Sílvia de Melo. “Onde estão as organizações de mulheres indígenas no Brasil?”. In: RICARDO, Fany; KLEIN, Tatiane. DOS SANTOS, Tiago Moreira. Povos Indígenas no Brasil: 2017/2022. 2. ed. São Paulo: ISA- Instituto Socioambiental, 2023. p. 149-151.

SAMPAIO, Paula Faustino. Indígenas Mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração - séculos XX e XXI. Terecina: Cancioneiro, 2021.

SCHILD, Joziléia (Kaingang). Articulação das mulheres indígenas no Brasil: em movimento e movimentando redes. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251685/>. Acesso em: 3 set. 2024.

FICHA TÉCNICA

Organização Joziléia Kaingang e Luma Prado

Pesquisa Bráulio Baniwa, Isabela Otsuki, Luiza Souza Barros, Luma Prado, Tatiane Maira Klein, Tiago Moreira e Samara Vatzum Xokling

Geoprocessamento Michelle Lira e William Lima

Texto Bráulio Baniwa, Isabela Otsuki, Jacqueline Kuña Aranduhá Kaiwá, Joziléia Kaingang, Keila Guajajara, Lucimara Patté, Luiza Souza Barros, Luma Prado, Mariana Carneiro, Moreno Saravia Martins, Shirley Krenak e Tatiane Maira Klein

Revisão textual Rhennan Santos

Pesquisa de imagens Luiza de Souza Barros e Mariana Carneiro

Tratamento de imagens Claudio Tavares

Identidade visual Udo Mendes

Design gráfico Bruna Keese

ISBN 978-65-88037-25-6





Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

Mulheres indígenas têm demonstrado sua força nos territórios, nas Universidades, nas artes, na política institucional e no associativismo. O Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024, numa parceria inédita entre o Instituto Socioambiental (ISA) e a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), apresenta um panorama das diferentes maneiras como elas se organizam e atesta que o número de associações, movimentos, coletivos não para de crescer. São 241 em todos os biomas e não há um estado do Brasil em que as mulheres indígenas não estejam em movimento. Para ampliar a visibilidade desses coletivos, atualizamos o Mapa das Organizações de Mulheres Indígenas, de 2020.



Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

Realização



Instituto Socioambiental

socioambiental.org

pib.socioambiental.org

terrasindigenas.org.br

mirim.org

✉ povosindigenas@socioambiental.org



Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade

anmiga.org

✉ anmiga.org@gmail.com

Apoio



Esta publicação foi possível graças ao apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), da União Europeia, da Agência Católica para o Desenvolvimento Ultramarino (CAFOD) e Fundação Gordon e Betty Moore. As opiniões expressas não refletem necessariamente as opiniões desses parceiros e apoiadores.

O Mapa das Organizações das Mulheres Indígenas no Brasil 2024

é resultado da colaboração entre pesquisadoras da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga) e do Instituto Socioambiental (ISA), desde as etapas de concepção, levantamento, checagem de dados e produção até o lançamento, em novembro de 2024.

As primeiras organizações criadas por indígenas datam do fim da década de 1980, muitas delas como resultado de assembleias indígenas e outros processos de mobilização de décadas anteriores. O monitoramento feito pelo ISA desde sua fundação, em 1994, sempre apontou a existência desses coletivos.

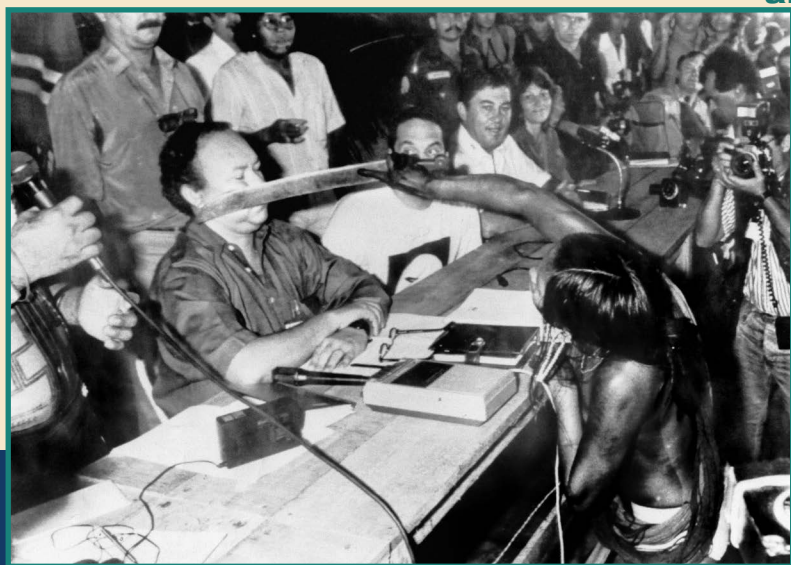
A multiplicação dessas organizações e a presença cada vez maior de mulheres indígenas em posições de destaque vem mudando a cara do movimento indígena, que inicialmente fora protagonizado por homens. Elas estão em organizações regionais, que contam com departamento de mulheres, como na Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoiname); em organizações locais, como a Associação Hahi de Mulheres Krahô; e ainda em instâncias da política institucional, no

Legislativo, nos cargos de chefia da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e à frente do recém-criado Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

Em 2019, esse movimento já se fazia notar. Em abril, mais de 500 mulheres conquistaram, pela primeira vez, uma plenária exclusiva no Acampamento Terra Livre (ATL). Em agosto do mesmo ano, elas colocaram na rua a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. Na esteira dessa mobilização, foi lançada a 1ª edição do Mapa das Organizações de Mulheres Indígenas, em fevereiro de 2020. Em 2021, as mulheres bioma fundaram a Anmiga, que articula nacionalmente mulheres indígenas e suas organizações.

Um levantamento de fôlego e com este recorte é mais uma forma de mostrar a potência do associativismo indígena, fornecendo a dimensão da organização das mulheres indígenas; contribuindo com a identificação de zonas de concentração e lacunas do associativismo dessas mulheres; e fortalecendo a rede com caminhos possíveis de ação e articulação política. Além disso, esta nova edição do mapa permite verificar, em números, o que temos acompanhado a olhos vivos: o expressivo crescimento da luta das mulheres indígenas no País.

Mulheres indígenas sempre estiveram em luta. Seja na política, como foi o caso de Carmelita Tuxá, eleita vereadora em Rodelas (BA), em 1963, seja à frente da disputa territorial, como Hilda Pankararu, que liderou as retomadas dos territórios tradicionais de seu povo nos anos 1970. Ou antes ainda, já no século 18, indígenas como Ana, Esperança, Inês, entre outras lutaram contra a escravidão em São Luís do Maranhão e Belém do Pará. Com tantos passos importantes na história das mulheres indígenas no Brasil, foi preciso estipular um período de tempo para a construção desta cronologia. Assim, seguindo o recorte temporal do mapa, foi definido o intervalo entre 1984 e 2024. Os marcos a seguir, portanto, retratam exemplos recentes de uma luta que sempre existiu:



LINHA DO TEMPO

1984

Criação, em Manaus, da Amarn, a 1ª organização indígena de mulheres.

1986

Mulheres indígenas participam da 1ª Conferência Nacional da Saúde e dos Direitos das Mulheres.

1987

Criação do Grumin por Eliane Potiguara.

1987-1988

Quitéria Pankararu e Dona Catarina Nymbopuruá participam das mobilizações relacionadas à Assembleia Nacional Constituinte.

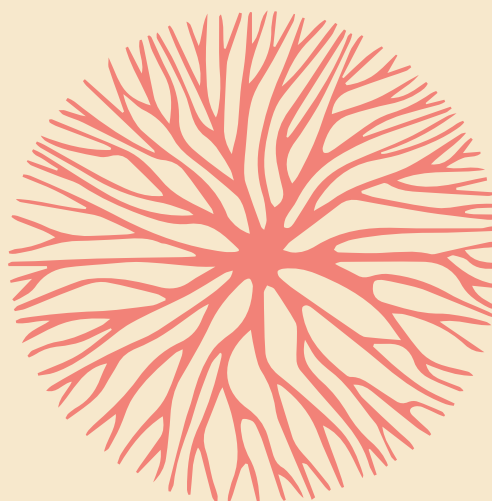
1989

Tuíre Kayapó barra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. (Imagem a.)

COMO ESTE MAPA FOI FEITO?

O novo levantamento das organizações de mulheres indígenas foi realizado a partir de uma estratégia metodológica casada. Como na 1ª edição, valemo-nos das informações já reunidas no Sistema de Áreas Protegidas (SisArp), um dos bancos de dados do ISA, e, graças à inédita parceria com a Anmiga, pudemos realizar também um esforço de busca ativa: construímos e circulamos um formulário on-line, que foi preenchido por mulheres indígenas de todo o País, em resposta à convocatória das comunicadoras da Articulação.

Assim, foi possível registrar 241 organizações, número ao menos 2,5 vezes maior em comparação com a 1ª edição, o que reflete, por certo, uma maior quantidade de organizações de mulheres, mas também espelha o engajamento da Anmiga e das redes de organizações de mulheres indígenas em querer se fazer ver na edição do Mapa de 2024.



O passo seguinte da pesquisa colaborativa foi a triagem das organizações, permanecendo no levantamento apenas aquelas que atendessem a três critérios: ser formada por indígenas, exclusivamente por mulheres e estar em funcionamento. Ainda foi realizada uma extensa checagem dos dados do SisArp, para confirmar se as organizações seguem ativas e atualizar os contatos de suas representantes.

Uma das principais dificuldades metodológicas foi entrar em contato com as organizações de base. Quanto mais nos aproximamos dos territórios, mais difícil se tornou a checagem: as diretoras mudaram de cargo, telefones fixos caíram em desuso e organizações deixaram de existir ou se transformaram. A consolidação dos dados contou ainda com uma ação de checagem no 20º ATL, que ocorreu entre os dias 22 e 26 de abril de 2024.

Índios levam a Collor relatório para Rio-92

A índia Tuitra, da tribo Caiapó — que, em 1989, virou personagem nacional quando ameaçou com um facão o diretor de Engenharia e Planejamento da Eletrobrás, José Antonio Muniz Lopes, em Altamira (PA) — voltará a ser notícia esta semana. Ela vai a Brasília quinta-feira para levar ao presidente Fernando Collor a Declaração Indígena Pré-Rio-92. Apesar de não ter audiência marcada, Tuitra garante que entregará pessoalmente o documento a Collor.

A declaração será o resultado do 1º *Ottonionê Kmatotendê* (Mulheres Corajosas, na língua Paróci, do Mato Grosso), conferência nacional realizada em Nova Iguaçu e com encerramento previsto para amanhã. Trinta nações indígenas brasileiras e cinco estrangeiras estão discutindo questões como a demarcação de terras e propostas de autonomia política e econômica das tribos brasileiras, principais bandeiras dos índios para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92).

Eliane Potiguara, presidente do Grumina (Grupo Mulher Educação Indígena), entidade que organizou o encontro, informou que atualmente há conflito pela posse da terra em 90% das áreas ocupadas pelas 180 nações indígenas. “O que o presidente Collor fez, foi apenas homologar as terras que já estavam demarcadas. Não houve novas demarcações e muito menos uma solução para os

conflitos que atingem os 240 mil índios do Brasil”, acusou Eliane, afirmando que os índios vão participar da Rio-92 não como “peças exóticas”, mas como os primeiros ecologistas do planeta.

“Estamos aqui para mostrar as autoridades que nós somos índios e para lembrar que o Brasil não foi descoberto; foi invadido pelos brancos latifundiários”, declarou o cacique potiguara João Batista Faustino, em bom português. Depois do discurso, o cacique, que também é vereador no município de Bahia da Traição, na Paraíba, fez uma demonstração de dança folclórica, com oito índios potiguaras.

Ontem, a índia Tuitra entoou, para um auditório cheio, uma das canções típicas de seu povo, no idioma que faz questão de preservar — tanto que ela se nega a aprender a falar português, ao contrário da maioria dos caiapós e índios de outras tribos. Há dois anos, irritada com o discurso do diretor da Eletrobrás no 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, a jovem índia empunhou um facão e ameaçou golpear o engenheiro. Tuitra ficou apenas na intimidação, mas a cena dela, alisando o rosto de Muniz Lopes com a lâmina da faca, correu todo o país, através da televisão. O diretor da Eletrobrás defendia, em nome do governo federal, a construção de duas hidrelétricas que alagariam terras ocupadas por várias tribos do Xingu.

Fonte: Jornal do Brasil



Edilson Oyo Villegas Ramos / Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro

1990

Maninha Xukuru funda a Apoinme junto a outras lideranças.

1992

Eliane Potiguara e Andila Kaingang lideram discussões na Eco-92. (Imagem b.)

1992

Iracy Potiguara é a 1ª mulher indígena eleita prefeita, em Baía da Traição (PB).

1995

Criação do Conami, que organiza o 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas.

2002

Criado o Departamento de Mulheres da Foirn. (Imagem c.)

COMO SE MOVIMENTAM AS INDÍGENAS MULHERES?

As mulheres indígenas estão em movimento de diversas formas: são departamentos, núcleos, redes, uniões, conselhos, articulações, coletivos, associações, organizações, grupos, institutos e movimentos de mulheres indígenas – entre outras nomenclaturas –, que expressam uma grande diversidade de formas de se organizar. Destacamos aqui desde a Associação das Mulheres Indígenas Rikbaktsa (Aimurik), a Rede de Mulheres Indígenas Munduruku, Sateré e Maraguá, o Movimento Indígena das Mulheres do Alto São Marcos (Mimasm), até o Grupo de Mulheres Wiriri Kuzá Wá, da Terra Indígena Rio Pindaré no Maranhão, passando pela União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (Umiab), entre muitas outras. Os levantamentos que realizamos nas duas edições do mapa não se restringiram a associações que contam com CNPJ, mas buscaram rastrear, com algumas limitações, diferentes expressões do associativismo das mulheres indígenas no Brasil.

Parte das organizações reúnem mulheres por povo (Coletivo de Mulheres Iny Mahadu); por Terra Indígena (Movimento Mulheres do Território Indígena do Xingu); por estado (Comissão de Mulheres Indígenas de Pernambuco); por região (Mulheres Indígenas Alto Rio Guamá); por bioma (Guardiãs do Pantanal); por atividade econômica (Tecê – Iniciativa de Mulheres Indígenas Artesãs de Rondônia); por ameaça

enfrentada (Guerreiras da Floresta/Tenetehar Kuzá Gwer Wá), entre outras. Há também organizações pluriétnicas, que articulam mulheres de mais de um povo, como a Associação das Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista (Amicop) e sediadas em espaços urbanos, como a Kaguatêca – Coletivo de Mulheres Indígenas de Campo Grande.

Essa diversidade é tributária das especificidades do associativismo e movimentos políticos de cada povo ou contexto indígena, das diferentes respostas dadas pelos movimentos de mulheres indígenas aos desafios que buscam enfrentar e dos variados motivos que as levam a se organizar.

São também diversas as formas como as organizações de mulheres indígenas se relacionam com os contextos em que emergiram. Em alguns casos, os movimentos de mulheres se conformam em organizações próprias; em outros, em departamentos vinculados a organizações já existentes; ou, ainda, ganham nomes e modos de organização diferentes, como fóruns, núcleos, coletivos, redes etc.

A Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia (Agir) é um dos exemplos de organização, oficializada em 2015, por mulheres dos povos Tupari, Paiter Suruí, Cinta Larga, Oro Win, Apurinã, entre outros. Elas já se movimentavam no contexto do associativismo estadual e regional, participando por exemplo, do Departamento de Mulheres da Associação Metareilá, do povo Paiter Suruí.

d.



Tatiane Klein / ISA

e.



Mariana Spagnuolo Furtado / ISA

f.



Raquel Uendi / ISA

2012

Implementação da Lei de Cotas no Brasil, que impulsionou o acesso das mulheres indígenas às universidades.

2016

1ª Plenária das Indígenas Mulheres na programação oficial do 12º ATL. (Imagem d.)

2018

Eleições: recorde de candidaturas de mulheres indígenas. Dentre elas, Sonia Guajajara concorre à vice-presidência.

2019

1ª Marcha das Mulheres Indígenas. (Imagem e.)

2021

Mulheres indígenas lideram o enfrentamento à covid-19 e também protagonizam a Campanha "Vacina Parente". (Imagem f.)

Para além de organizações próprias, outro caminho comum de se organizar são os departamentos, grupos, secretarias, coordenadorias de mulheres presentes em inúmeras organizações indígenas não compostas exclusivamente por elas. É o caso dos departamentos da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba) e da recém-fundada Menire Xikrin do Bacajá parte da Associação Bebô Xikrin do Bacajá. Esses casos não se resumem à atuação dessas organizações mistas junto às mulheres, mas são resultado dos movimentos singulares delas naquele contexto.

Existem ainda outras formas de vinculação de movimentos de mulheres a organizações indígenas, como o Fórum das Kunhangue Ruvixa da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), que congrega coletivos de mulheres guarani mbya e avá-guarani e foi oficializado como parte da estrutura de governança da CGY em 2022, após uma série de encontros de mulheres guarani, em diferentes aldeias e regiões.

Movimentos como esses, de encontros de mulheres indígenas, ainda que fundamentais para a mobilização das mulheres em muitos contextos, não puderam ser incluídos neste mapa, por dificuldades de representação cartográfica e de apuração de informações. Por isso, os Encontros de Mulheres Yanomami, que ocorrem há pelo menos 14 anos na TI Yanomami (AM/RR), não constam nesse mapa, assim como as assembleias de mulheres guarani da CGY ou as Caravanas das Originárias da Terra, da Anmiga – sendo incluídas

somente organizações que por ventura tenham emergido desses processos de mobilização.

Há ainda movimentos de mulheres que, por diferentes motivos, não se apresentam sob a forma de entidades ou coletivos e, por isso, não foram incluídos neste levantamento. Outros, mesmo emergindo de processos de mobilização no território, transformaram-se em organizações, como é o caso da Kuñangue Aty Guasu, a grande assembleia das mulheres guarani kaioiwá e guarani ñandeva.

A permanência parece ser uma das dificuldades do associativismo das mulheres indígenas, possivelmente uma marca dos movimentos sociais em geral. Nas palavras das integrantes da Anmiga, garantir que as organizações permaneçam mobilizadas para além da gestão das fundadoras é um dos maiores desafios vividos pelas mulheres indígenas organizadas. Outros desafios, segundo elas, são: formalizar as organizações e obter financiamento para projetos – o que impacta sua sustentabilidade.

O fenômeno do associativismo de mulheres indígenas também se presta a um desafio da visibilidade. Ao se nomearem enquanto entidades ou coletivos, as mulheres indígenas enfatizam que sempre estiveram em movimento – ainda que sem o devido reconhecimento de sua participação e formas próprias de organização –, ao mesmo tempo em que fazem aparecer novos sujeitos políticos e instauram outras possibilidades de ação política.



g.
Benjamin Mast / La Mochila Produções / ISA

2021

Lançamento da Anmiga.

2022

Começa a “Caravana das Originárias da Terra”, que percorre os territórios para unir e fortalecer o movimento de mulheres indígenas.

2023

A 1ª presidente indígena da Funai é uma mulher: Joênia Wapichana. Ministra dos Povos Indígenas: Sonia Guajajara. (Imagem g.)

2024

Pelo menos, mais dez organizações de mulheres indígenas são criadas. Dentre elas, o Coletivo de Mulheres Fág Jãre Fag, após intensa atuação nas consequências das enchentes no Rio Grande do Sul.

O QUE LEVA AS MULHERES INDÍGENAS A SE ORGANIZAREM?

Em 2017, Sonia Guajajara ecoou pela primeira vez a mensagem: “A luta pela mãe terra é a mãe de todas as lutas”. Desde então, ela se tornou um lema na organização das indígenas mulheres no Brasil, que se mobilizam em torno de inúmeras outras pautas comuns.

Uma das pautas que motivam essa mobilização é o reconhecimento enquanto detentoras de saberes e verdadeiras lideranças, presentes e atuantes no movimento. “Do chão da aldeia para o chão do mundo”, elas buscam ocupar os espaços de poder e tomada de decisão, apoiando que diferentes mulheres se coloquem à disposição para ocupar cargos que, muitas vezes, são exercidos pelos parentes homens. É o caso, por exemplo, das mulheres do povo Mëbengôkre Kayapó, que vêm se destacando tanto no movimento indígena nacional, quanto como lideranças em suas aldeias. “Nós somos porque nossas ancestrais já foram” é o lema que anima as mulheres indígenas à liderança.

No entanto, há outros motivos que levam as mulheres a se mobilizarem. Em Mato Grosso do Sul, as mulheres do povo Kadiwéu atuam por meio da Associação de Mulheres Artistas Kadiwéu (Amak), na esteira de outra organização focada na produção da cerâmica tradicional de seu povo, a Associação das Ceramistas Kadiwéu, que esteve ativa na década de 1990. No Vale do Javari (AM), artesãs de diferentes povos vêm se articulando localmente em associações e também na Mulheres Artesãs Indígenas do Vale do Javari (MAI), coletivo fundado em 2019 e que hoje articula cerca de 230 mulheres em torno da produção de artesanatos e da agricultura, com apoio do projeto “Javari Vale da Arte”, da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja).

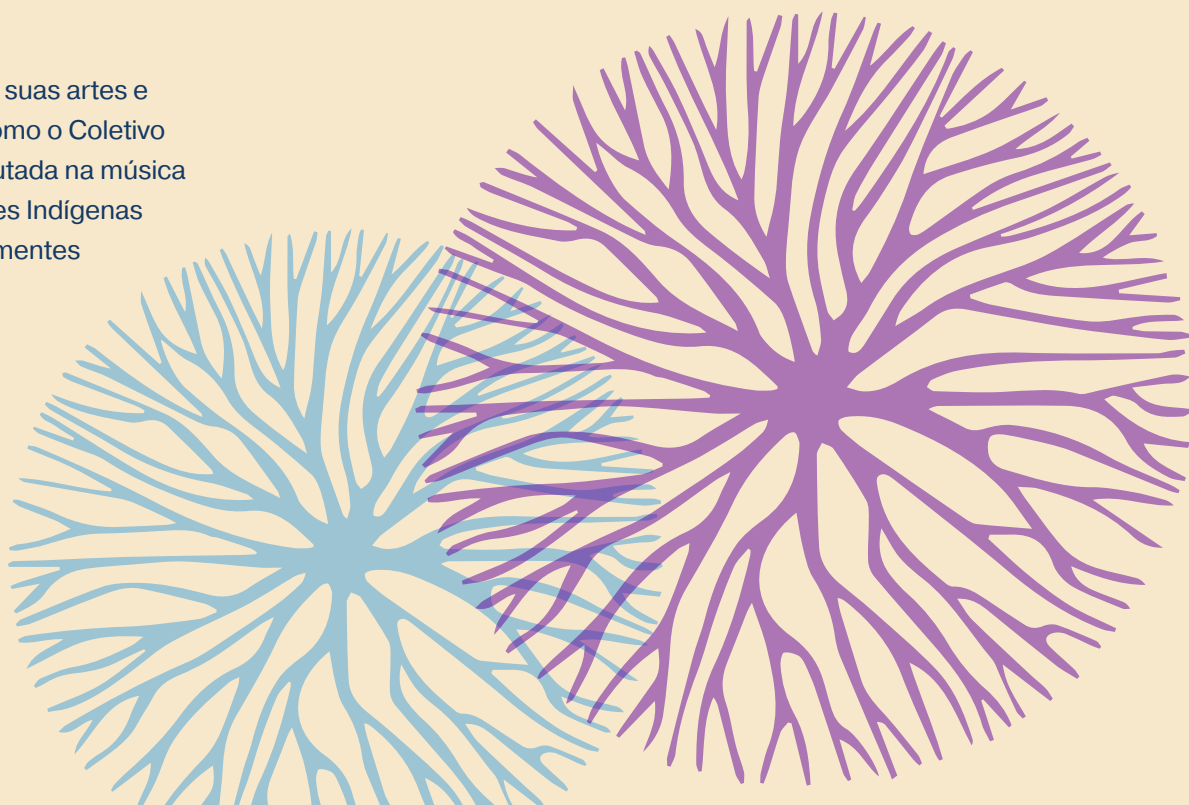
É também pensando na produção e difusão de suas artes e saberes que emergem outras organizações, como o Coletivo de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós, pautada na música e na dança; ou como o Movimento das Mulheres Indígenas Yarang, uma rede de mulheres coletoras de sementes

tradicionais do povo Ikpeng, no território indígena do Xingu. A Associação de Parteiras e Benzedadeiras Potiguara da Paraíba (Aparbep), por sua vez, articula-se em torno de saberes e fazeres reconhecidos como patrimônio cultural do país.

Outra pauta fundamental é o enfrentamento às violências contra as mulheres e seus corpos-territórios. A violência é inimiga e adversária do bem-estar das mulheres dentro dos seus territórios. Em um manifesto escrito em 2021, elas questionam: “Como calar diante de um ataque? Diante de um Genocídio que faz a Terra gritar mesmo quando estamos em silêncio? Porque a Terra tem muitos filhos e uma mãe chora quando vê, quando sente que a vida que gerou, hoje é ameaçada”.

Em torno dessa pauta também surgiram outras organizações, de abrangência local ou regional. É o caso do Grupo de Trabalho Guarita pela Vida (GT-GPV), fundado por mulheres do povo Kaingang especificamente para denunciar e combater a violência contra a mulher na TI Guarita, no Rio Grande do Sul. O combate à violência contra a mulher nas comunidades também é o objetivo principal do Coletivo Xondaria Kuery Jera Rete, criado por mulheres guarani em homenagem a Florinda Jera Rete, uma das primeiras cacicas no Paraná.

Há organizações de mulheres centradas na defesa territorial, como as Guerreiras da Floresta/Tentehar Kuzá Gwer Wá, que somam forças aos Guardiães da Floresta, na proteção da TI Araribóia, no Maranhão. Assegurar a demarcação de Terras Indígenas e garantir um território seguro para o bem viver é essencial, ainda mais num contexto de tantas violações ao corpo-território – como a tese do “Marco Temporal”. As mulheres também se movem por seus modos de vida, por saúde e educação diferenciadas e de qualidade e pela valorização da alimentação tradicional. Todas essas reivindicações não se separam de cantos, rezas e rituais sagrados, que inspiram a seguir na luta.



SOMOS CORPOS- TERRITÓRIOS, SOMOS DE TODOS OS BIOMAS DESSE BRASIL, SOMOS A ANMIGA

A ANMIGA E SEUS CONCEITOS

Corpo-território: o corpo-território da mulher indígena carrega consigo a ancestralidade, a espiritualidade, a memória e a história, é um corpo político e intrinsecamente ligado ao território. É coletivo, uma vez que é construído a partir da coletividade de um povo e do bioma de onde veio. Ele é território de conhecimento.

Reflorestarmentes: chamado à humanidade por outra forma de se relacionar com a Mãe Terra e entre nós – os seres que vivem nela – pela vida e pelo bem-viver. Propõe-se uma relação a partir das ciências ancestrais, que cuide da Mãe Terra e, consequentemente, dos corpos-territórios e espíritos.

Mulheres Bioma: são várias gerações de corpos de mulheres indígenas conectados com a ancestralidade e com o corpo da Terra e seus biomas.

Em 2024, a organização de representação política nacional e internacional das mulheres indígenas do Brasil completou três anos de sua nomeação como Anmiga. O processo de consolidação da presença dos nossos corpos-territórios nos diferentes espaços e instituições desafia-os a diminuir o estranhamento, no que se refere a tipos de lideranças femininas que estamos formando, nos territórios e fora dos territórios.

A nossa luta como defensoras de direitos humanos e ambientais é por quem se foi, por nós e pelas que virão, pela demarcação de todas as nossas terras. Afinal, a luta pela Mãe Terra é a mãe de todas as lutas. Anmiga é força e continuidade de lutas, pelas mãos, vozes, escritas e falas das mulheres.

A Anmiga nos ajudou a partilhar a nossa humanidade e a nos conectarmos com os nossos territórios-corpos na diversidade, fortaleceu o nosso eu-mulher, nos ensinou como amar e cuidar do corpo é um ato político ancestral e a nos orgulharmos de sermos guardiãs da Terra. Nós revolucionamos os termos e nosso conceito próprio de organização ao sermos as mulheres terras, sementes, raízes e águas.

São esses corpos-territórios que se movimentam em diferentes lugares realizando diferentes atos de reflorestarmentes, somando no trabalho educacional antirracista e de respeito aos povos indígenas.

Vamos juntas construir o bem viver e viver bem para todos!

Vamos juntas reflorestarmentes para curar nossa terra!

“Nós, mulheres indígenas, também somos a Terra, pois a Terra se faz em nós. Pela força do canto, nos conectamos por todos os cantos, onde se fazem presente os encantos, que são nossos ancestrais. A Terra é irmã, é filha, é tia, é mãe, é avó, é útero, é alimento, é a cura do mundo, por isso lutamos por sermos reconhecidas enquanto protetoras dos biomas e defensoras de nossos territórios”

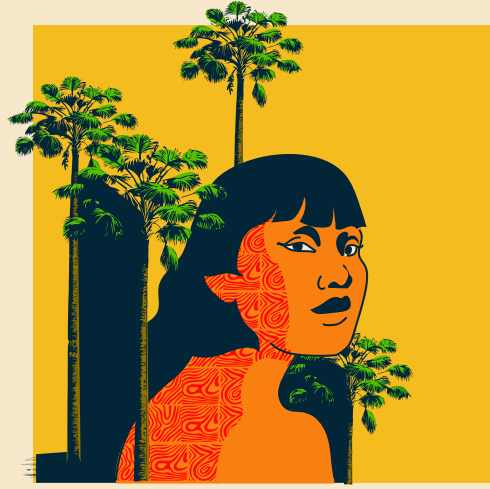
COMO A ANMIGA SE ORGANIZA?

Mulheres Terra: são as cofundadoras. Atuam na articulação nacional;

Mulheres Raiz: são as anciãs, estão no território, na base, e se articulam localmente;

Mulheres Semente: geralmente as mais jovens. Elas são as responsáveis por articular os territórios nas regiões e nos estados brasileiros;

Mulheres Água: são as mulheres que ficam a cargo da articulação internacional.



“Corpos são territórios
e territórios são corpos”



“Corpo é terra
e floresta é mente”



REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Carta das Primeiras Brasileiras. 2023. Disponível em: <<https://anmiga.org/carta-das-primeiras-brasileiras/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Manifesto das primeiras brasileiras, 2021. Disponível em: <<https://anmiga.org/manifesto/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE. Manifesto Reflorestarmentes: Reflorestarmentes de sonhos, afetos, soma, solidariedade, ancestralidade, coletividade e história. 2021. Disponível em: <<https://anmiga.org/manifesto-reflorestarmentes-reflorestarmentes-de-sonhos-afetos-soma-solidariedade-ancestralidade-coletividade-e-historia/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BANIWA, Braulina; KAINGANG, Joziléia; MANDULÃO, Giovana. Mulheres: Corpo-territórios indígenas em resistência!. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

GOMES, Selma A. Organizações de Mulheres Indígenas no Brasil: resistência e protagonismo. São Paulo: ISA, 2020. Disponível em: <<https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/organizacoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil-resistencia-e-protagonismo>>. Acesso em: 1 ago. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. “Ser mulher, ser liderança”. Conexões Mulheres Indígenas, 2016. Disponível em: <<https://conexoes.socioambiental.org/serlideranca.html>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MURER, Beatriz M.; FUTADA, Sílvia de Melo. “Onde estão as organizações de mulheres indígenas no Brasil?”. In: RICARDO, Fany; KLEIN, Tatiane; DOS SANTOS, Tiago Moreira. Povos Indígenas no Brasil: 2017/2022. 2. ed. São Paulo: ISA- Instituto Socioambiental, 2023. p. 149- 151.

SAMPAIO, Paula Faustino. Indígenas Mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração - séculos XX e XXI. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SCHILD, Joziléia (Kaingang). Articulação das mulheres indígenas no Brasil: em movimento e movimentando redes. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251685>>. Acesso em: 3 set. 2024.

FICHA TÉCNICA

Organização **Joziléia Kaingang e Luma Prado**

Pesquisa **Braulina Baniwa, Isabela Otsuki, Luiza Souza Barros, Luma Prado, Tatiane Maíra Klein, Tiago Moreira e Samara Vaxum Xokleng**

Geoprocessamento **Michelle Lira e William Lima**

Texto **Braulina Baniwa, Isabela Otsuki, Jaqueline Kuña Aranduhá Kaiowá, Joziléia Kaingang, Keila Guajajara, Lucimara Patté, Luiza Souza Barros, Luma Prado, Mariana Carneiro, Moreno Saraiva Martins, Shirley Krenak e Tatiane Maíra Klein**

Revisão textual **Rhennan Santos**

Pesquisa de imagens **Luiza de Souza Barros e Mariana Carneiro**

Tratamento de imagens **Claudio Tavares**

Identidade visual **Auá Mendes**

Design gráfico **Bruna Keese**

ISBN 978-65-88037-25-6

